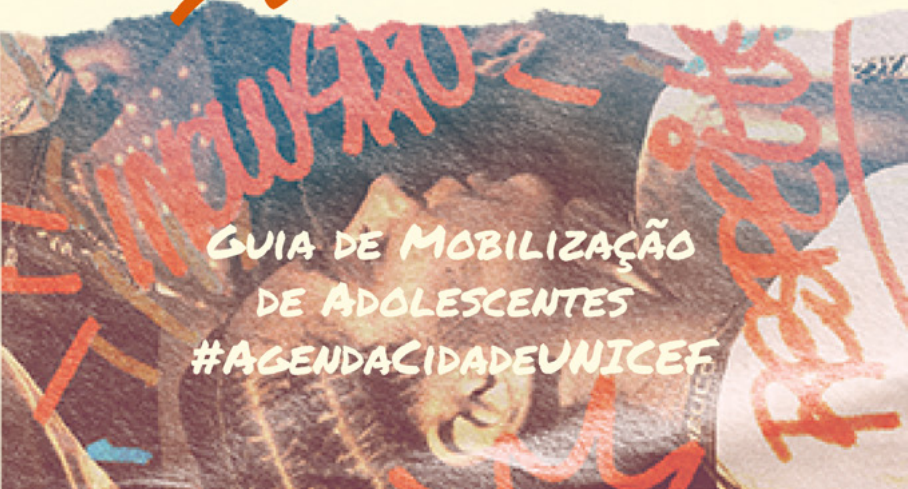
de jovem pra jovem: participação e engajamento para transformAÇÃO



Guia de Mobilização de Adolescentes #AgendaCidadeUNICEF

de jovem pra jovem: participação e engajamento para transformAÇÃO

Guia de Mobilização
de Adolescentes
#AgendaCidadeUNICEF

Realização Fundo das Nações
Unidas para a Infância (UNICEF)

Paola Babos, Representante interina do UNICEF no Brasil

Mario Volpi, coordenador do programa de Desenvolvimento e Participação de Adolescentes do UNICEF no Brasil

Joana Fontoura, Oficial de Desenvolvimento e Participação de Adolescentes do UNICEF no Brasil

NÚCLEO EDITORIAL

Coordenação
GABRIELA MONTEIRO
JOANA FONTOURA

Redação
ANDERSON TELES, ANDRÉ SOBRINHO,
BIANKA MELO, DÉBORA PAIXÃO,
FRANCISCO SENA, GABRIELA MONTEIRO,
JOANA FONTOURA, MATHEUS VALOIS,
NATHÁLIA ARAÚJO, RAQUEL GUIMARÃES,
VICTOR DELAMERLINI, VIVIANA SANTIAGO

Ilustrações
CHICO LACERDA

Fotos
©UNICEF/BRZ/KEILA CASTRO (*p53*)
©UNICEF/BRZ/JÉSSICA ARAÚJO (*p50, p51, p52, p54*)
©UNICEF/BRZ/GUILHERME GOMES (*p61*)
©UNICEF/BRZ/EMANUELLE RABELO (*p62*)
©UNICEF/BRZ/NAY JINKNSS (*p59, p60, p62, p63*)
©UNICEF/BRZ/ALÉCIO CEZAR (*p65, p67, p68, p69*)
©UNICEF/BRZ/CAROL NUNES (*p73, p75*)
©UNICEF/BRZ/FABIO CAFFE (*p71, p73, p74*)

Projeto Gráfico e Diagramação
RAUL SOUZA

O que você vai encontrar por aqui?

1. Apresentação 12

2. Conhecendo melhor a #AgendaCidadeUNICEF 20

3. Uma experiência de cidadania para garantia de direitos: o NUCA 28

4. Construindo o NUCA – uma estratégia de muitas possibilidades 36

5. Planejamento das ações da #AgendaCidadeUNICEF 42

6. ODS 3 – Promoção de saúde mental e bem-estar 80
Por Francisco Sena e Raquel Guimarães

96 **7. ODS 4 – Educação de qualidade**
Por Débora Paixão e Matheus Valois

114 **8. ODS 8 – Inclusão produtiva e transição entre escola e trabalho**
Por Anderson Teles e Victor Delamerlini

130 **9. ODS 16 – Prevenção de violências**
Por Bianka Melo e Nath PomPom

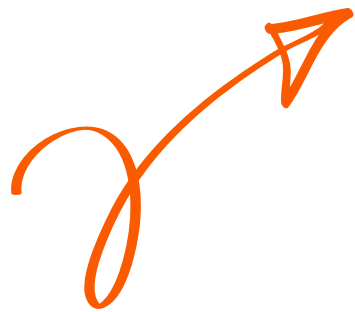
145 **10. Construindo redes: contribuições especiais**

148 **11. Pedagogia da participação: uma tarefa intergeracional**
Por André Sobrinho

156 **12. A-cor-da, Pedrinho! Adolescência, formação e ação política**
Por Viviana Santiago

164 **13. Agora é com você(s)!**

SE VOCÊ VIVE EM UMA DESSAS COMUNIDADES, SEJA BEM-VINDO/A À #AGENDACIDADEUNICEF!



COLÔNIA ANTÔNIO ALEIXO
DISTRITO D'ÁGUA
CIDADE OPERÁRIA
JANGURUSSU
IBURA
VALÉRIA
PAVUNA
CIDADE TIRADENTES

SE VOCÊ TEM ENTRE 12 E 18 ANOS DE IDADE, É HORA DE PARTICIPAR!

Nas páginas a seguir, você vai saber como poderá participar, dar sua opinião, propor ações e ser parte de uma grande iniciativa de participação de adolescentes e jovens: O NÚCLEO DE CIDADANIA DE ADOLESCENTES – o ***NUCA***!

Para que esse material fosse de fato representativo e se conectasse com vocês, convidamos jovens de diferentes partes do país para construir e inspirar no convite à participação na *#AgendaCidadeUNICEF*.
Sabemos que as realidades de vocês são diversas, mas acreditamos que a partir das/os jovens participantes desta publicação, podemos ecoar múltiplas vozes e compor um mosaico de participação de distintas trajetórias e narrativas. A produção de conhecimento vem a partir das experiências de cada adolescente e cada jovem que está aí, ao seu lado, agindo, participando e mobilizando mais jovens a ocuparem espaços de participação.

Quando iniciamos a construção da *#AgendaCidadeUNICEF*, fizemos algumas escutas com adolescentes e jovens para refletir sobre os principais desafios e oportunidades vivenciadas

por eles e elas em centros urbanos, para que pudéssemos pensar juntas/os em uma estratégia que permitisse ter espaços seguros de participação, respeitando os seus lugares de fala e o desenvolvimento de suas potências.

Pensando nos desafios vivenciados nos últimos anos, o debate girou muito sobre a importância da saúde mental como um direito – e a importância de se ter uma rede de apoio eficiente no setor público e também para fortalecer a rede entre pares. O tema das oportunidades e do acesso e permanência na escola foram levantados para que não tivessem de fazer escolhas que não deveriam ter de fazer, como escolher entre estudar e trabalhar. E a importância de existirem oportunidades de formação e trabalho decentes nos territórios onde vivem adolescentes e jovens dos centros urbanos. A cultura, o esporte e a arte são levantados como lugar de perten-

cimento, que devem estar no centro da nossa construção e fortalecimento de espaços de participação para o desenvolvimento e a proteção de crianças e adolescentes.

Por isso, o nosso convite é para que cada uma e cada um de vocês possam atuar, estar e existir com dignidade em seus territórios – a partir das suas perspectivas e com base nos eixos da Agenda Cidade UNICEF e no direito à participação cidadã.

BOA LEITURA E INSPIRAÇÃO PARA PARTICIPAR, MOBILIZAR E AGIR NO SEU DIA-A-DIA!

FACILITAÇÃO VISUAL: @ceugavifacilitacao · EQUIPE: @luisadiebold + @pilarfeldman

Para mim, o engajamento e a participação social em espaços de ativismo foram formas de acolhimento, cuidado.

– Francisco Sena

Nós somos uma juventude inventiva, criativa: a gente cria vida das maneiras mais simples e mais genuínas possíveis. Somos muito mais potência do que dores, e somos muito mais movimento do que silenciamento.

– Raquel Guimarães

Eu tenho certeza que vocês já devem ter se deparado com alguma injustiça. Saibam que não precisa ser assim, que nós podemos mudar isso que está posto – nós não precisamos aceitar o "não" como resposta.

– Matheus Valois

Muitas vezes tive que me reinventar, porque cada interação é um aprendizado.

– Anderson Teles

Compreender que a democracia e a participação não são um dado natural nem fixo, mas construídos com muita vigilância, é um desafio para a juventude.

– André Sobrinho

Eu sou necessária para a sociedade, e a partir das transformações e da nova narrativa que venho construindo sobre minha trajetória, estou rompendo com barreiras, estereótipos, e caminhando contra um caminho único que é imposto para nós.

– Débora Paixão

Ocupar espaços em defesa de direitos é algo incrível porque você expande seus horizontes, você se entende como uma pessoa, como indivíduo, e como coletivo.

– Victor Delamerlini

SOMOS POTÊNCIA! Ainda que te falte recursos, estude, empodere-se, olhe para o futuro – e pense que nós somos a continuação de ancestrais, onde MUITOS foram jovens sem voz.

– Nath PomPom

Participar desses espaços é reafirmar que eu e tantas outras e outros temos vez e voz.

– Bianka Melo

A educação política de adolescentes precisa ser antirracista, feminista, antiLGBQIAfóbica e anticapacitista.

– Viviana Santiago

Conhecendo melhor a #AgendaCidadelMICEF

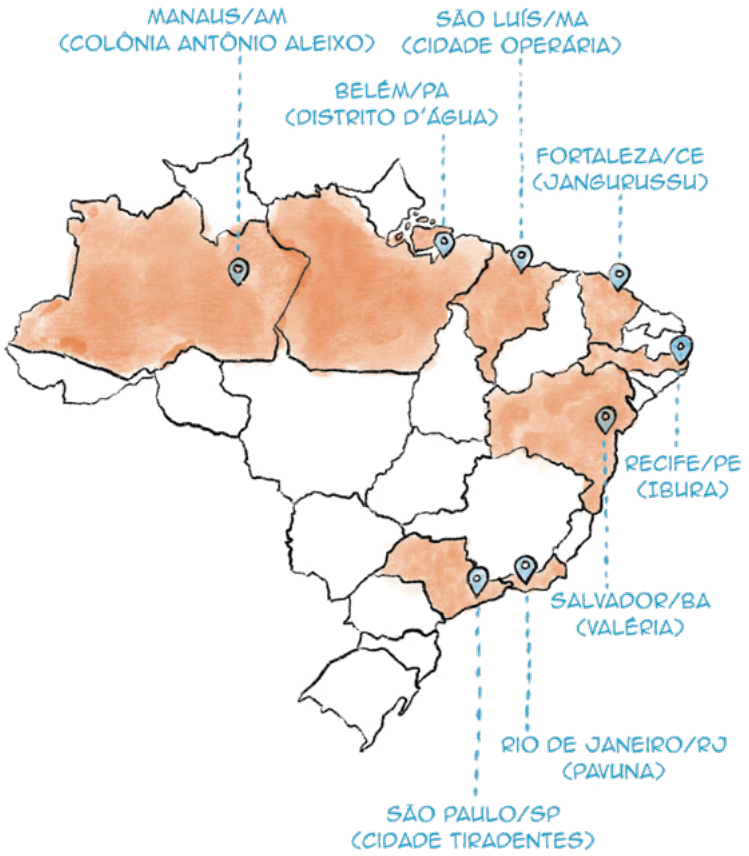
A #AgendaCidadeUNICEF é uma iniciativa do UNICEF (Fundo das Nações Unidas para a Infância) em parceria com prefeituras municipais de grandes cidades brasileiras, organizações da sociedade civil e adolescentes e jovens para promover direitos e oportunidades de crianças e de adolescentes de territórios mais vulneráveis, contribuindo com a prevenção de violências que afetam suas vidas.

Na sua primeira edição (2022-2024), a iniciativa acontece em Belém, Fortaleza, Manaus, Recife, Rio de Janeiro, Salvador, São Luís e São Paulo.

A #AgendaCidadeUNICEF promove políticas integradas, que visam reduzir e prevenir violências que afetam crian-

ças e adolescentes no seu dia a dia. A iniciativa tem como quatro temas centrais: a promoção da saúde integral e o bem-estar; a educação que protege; a inclusão socioprodutiva de adolescentes; e a prevenção às violências. Tudo isso acontece com a participação de adolescentes, comunicação e engajamento comunitário e o monitoramento de dados para gerar a transformação desejada para a área da infância e da adolescência nas grandes cidades brasileiras.

A #AgendaCidadeUNICEF acontece em territórios vulneráveis em oito capitais brasileiras onde moram, ao todo, cerca de 8,2 milhões de crianças e adolescentes (IBGE, 2022). As regiões prioritárias que concentram as intervenções foram escolhidas entre o UNICEF e as prefeituras municipais, com base nos indicadores sociais que impactam a vida de crianças e adolescentes.



A Agenda Cidade UNICEF está articulada com políticas públicas municipais e iniciativas que têm por objetivo reduzir violências, além de apoiar o Brasil na Agenda 2030, que visa alcançar os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS).

Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) são uma agenda mundial adotada em 2015, durante a Cúpula das Nações Unidas sobre o Desenvolvimento Sustentável.

Os ODS são compostos por dezessete objetivos e 169 metas, que devem ser atingidos até 2030. Para que os ODS sejam alcançados, é fundamental o compromisso e envolvimento dos governos nacionais e locais.

No Brasil, o debate em torno dos ODS chama a atenção para o importante papel dos municípios nesta agenda. A #AgendaCidadeUNICEF sugere o diálogo e colaboração de diversos setores da sociedade: além do poder público, devem se envolver nesta agenda a sociedade civil (incluindo organizações, coletivos e movimentos sociais) e o setor privado.

Dentre os dezessete ODS, a #AgendaCidadeUNICEF foca em quatro de forma mais direta:

ODS 3 – Saúde e bem-estar

Assegurar uma vida saudável e promover o bem-estar para todos, em todas as idades.

ODS 4 – Educação de qualidade

Assegurar a educação inclusiva, equitativa e de qualidade, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos.

ODS 8 – Trabalho decente e crescimento econômico

Promover o crescimento econômico sustentado, inclusivo e sustentável, emprego pleno e produtivo, e trabalho decente para todos.

ODS 16 – Paz, justiça e instituições eficazes

Promover sociedades pacíficas e inclusivas para o desenvolvimento sustentável, proporcionar o acesso à justiça para todos e construir instituições eficazes, responsáveis e inclusivas em todos os níveis.

Uma experiência de cidadania para garantia de direitos: o NUCA

Seja parte do ***NUCA***
(Núcleo de Cidadania de Adolescentes)
do seu território. Queremos que você
expresse sua voz, participe e convide
mais adolescentes para
participarem tb!!

Manual de Sobrevivência do NUCA

I

A participação de adolescentes é um direito.

II

Se você tem entre 12 e 18 anos e tem vontade de transformar sua comunidade, esse espaço é para você!

III

O NUCA deve ter, no mínimo, 30 adolescentes para ser validado. Não tem máximo de participantes – então vamos lá e vamos mobilizar seus colegas a somarem ao NUCA!

IV

O NUCA representa a diversidade do território. Então não esqueçam de garantir a representatividade do seu território. Con-

videm e garantam a participação de adolescentes de diferentes perfis, raças e etnias, gêneros, com deficiência e sem que vivam em diferentes lugares do território, migrantes, entre outros.

V

Aqui vocês terão autonomia para definir os temas que querem trabalhar inspirados nas prioridades da #AgendaCidadeUNICEF, e outros temas que escolherem também! Lembrando que as prioridades da Agenda são: saúde mental e bem-estar; educação que protege; inclusão no mundo do trabalho; prevenção às violências. E tudo isso com muito engajamento e participação cidadã de adolescentes.

VI

O NUCA pode se encontrar em vários espaços da comunidade: na escola, na Igreja, no CRAS, na lona cultural, numa ONG local,

na associação de moradores. E se for difícil encontrar ao vivo, podem usar as plataformas digitais para esse encontro. O importante é vocês estarem em contato e conexão!

VII

O NUCA se propõe a ser um espaço seguro e democrático para o exercício da cidadania de adolescentes e jovens em rede.

VIII

O NUCA pode ser um dinamizador dos coletivos, movimentos, serviços e organizações que reúnem adolescentes na comunidade, para que atuem em rede para efetivação dos seus direitos, e para que o município seja um lugar seguro para o seu desenvolvimento.

IX

Não há limite máximo de participantes no território priorizado, o importante é que o

NUCA reúna adolescentes e jovens em sua diversidade e que fortaleçam a rede local de vozes em suas diferentes formas de participação.

X

Quanto mais adolescentes mobilizadas/os e participando, melhor!!

XI

Não esqueçam de fazer um Plano de Ação para organizar as atividades e pautas que queiram tratar com o poder público!

Construindo o NUCA

Uma estratégia de muitas possibilidades

O ***NUCA*** amplia as oportunidades de adolescentes na medida em que proporciona apoio e proteção para que desenvolvam suas habilidades de comunicação, liderança e planejamento.

PRIMEIRA ETAPA

Identificar e mobilizar adolescentes e jovens do território;

SEGUNDA ETAPA

Formar o Núcleo de Cidadania de Adolescentes (com ao menos 30 – mas que tal cinquenta??) adolescentes e jovens;

TERCEIRA ETAPA

*Construir o Plano de Ação do **NUCA** para a Agenda Cidade UNICEF e implementar as ações em grupo;*

QUARTA ETAPA

*Mobilizar e convidar para participar do **NUCA** (outras redes de adolescentes, como: grêmios estudantis; conselhos e comitês; jovens empreendedores, jovens do circuito cultural, esportivo, entre outros);*

QUINTA ETAPA

Fazer um balanço do impacto das ações propostas e realizadas e apresentar para a comunidade.

Para comprovar a construção do ***NUCA*** os adolescentes devem se inscrever na Plataforma U-report

CADASTRO NO U-REPORT	
PASSO 1	*É só enviar #qmtaon para o número 61 9687-1768 no Whatsapp ou no Facebook para o inbox da página U-Report Brasil.*
PASSO 2	*Registre seus dados (idade, gênero, Estado onde mora, raça, cidade onde mora).*
PASSO 3	*Informe que faz parte da #AgendaCidadeUNICEF.*
PASSO 4	*Pronto! Agora você faz parte de uma comunidade de adolescentes e jovens que lutam por seus direitos.*

DICA *Reconhecer grupos e redes de adolescentes nos territórios. Caso já existam no território grupos organizados e redes que se identifiquem com a proposta e os temas do **NUCA**, engajem e tragam esses coletivos!*

DICA *Caso o grupo formado queira se dar outro nome, não tem problema. Não precisa se chamar **NUCA**.*

DICA *Promover participação permanente em espaços públicos. Tipo:*

- *Redes locais, Comitês, Conselhos, Conferências;*
- *Atividades com gestores públicos;*
- *Grêmios estudantis*

A proposta é que o ***NUCA*** seja um espaço seguro de engajamento e pertencimento para adolescentes e jovens refletirem e construírem caminhos para impactar em seus territórios.

Planejamento das ações da #AgendaCidadelMICEF

ETAPA 1

Mapear e mobilizar redes de adolescentes e jovens nos territórios prioritários

ETAPA 2

Criar o Núcleo de Cidadania de Adolescentes (NUCA) – com pelo menos 30 participantes do NUCA cadastrados no U-report

Sugestão:

Caso seu município tenha Comitê Intersetorial da #AgendaCidadeUNICEF, garanta que, pelo menos dois/duas representantes do NUCA façam parte desse espaço de participação.

Sugestão:

Adolescentes do NUCA fazem articulação com a gestão pública para apresentar o Plano de Participação

ETAPA 3

Construir o Plano de Ação do NUCA para Participação Cidadã de Adolescentes

ETAPA 4

Participar de encontros municipais e regionais dos NUCAS

Sugestão:

Adolescentes do NUCA participam de esferas públicas de âmbito municipal (Comitê de Prevenção a Homicídios, Conselho Municipal Direitos Criança e Adolescente - CMDCA, Conselhos municipais de juventude, Fóruns DCA, entre outros)

APONTE A CÂMERA PARA O QR CODE E ACESSE AS PLATAFORMAS

Cadastro no U-Report

ACESSE E CADASTRE-SE

PASSO 1
É só enviar #qmtaon para o número 61 9687-1768 ou no Facebook para o inbox da página U-Report Brasil.

PASSO 2
Registre os seus dados (idade, gênero, estado onde mora, raça, cidade onde mora e se é pessoa com deficiência ou não).

PASSO 3
Informe que faz parte da Agenda Cidade

PASSO 4
Pronto! Agora você faz parte de uma comunidade de adolescentes e jovens que lutam por seus direitos.

Cadastro no 1MO

1 milhão de oportunidades para transformar uma geração

A iniciativa Um Milhão de Oportunidades (1MiO) é a maior articulação do Brasil pela inclusão produtiva de adolescentes e jovens no mundo do trabalho decente.

Junte-se à nós e faça parte dessa transformação!

ACESSE E CADASTRE-SE

APONTE A CÂMERA PARA O QR CODE E ACESSE AS PLATAFORMAS

PODE FALAR

Canal de ajuda em saúde mental para você que tem de 13 a 24 anos.

ACESSE

QUERO(ME) **CUIDAR**

QUERO(ME) **INSPIRAR**

QUERO **FALAR**

Topity

Já pensou se existisse um jogo no qual o personagem principal é você e a missão é tornar você mais e mais forte a cada fase? Conheça o Topity, uma mistura de game e conversa dentro do WhatsApp e do Messenger que vai ajudar a evoluir a sua autoestima.

O Topity é uma experiência sobre autoestima diferente de tudo que você já fez. Aqui, a cada nível que você avança, você aprende, se diverte e sai muito mais forte. Acesse

Saúde Mental e Bem-estar

PODE FALAR

O **Pode falar** é um canal de ajuda virtual em saúde mental e bem-estar para vocês, adolescentes e jovens de 13 a 24 anos. É uma parceria entre o UNICEF e diversas organizações para apoiar e fortalecer quem precisa de ajuda em relação ao bem-estar físico e emocional.

No “Pode Falar” você vai encontrar:

1. QUERO ME CUIDAR:

Aqui é uma fonte confiável de materiais sobre saúde mental e bem-estar para adolescentes que estejam precisando de ajuda ou queiram ajudar colegas!

2. QUERO ME INSPIRAR:

Tá precisando de uma referência pra se inspirar e superar situações difíceis? Aqui você encontrará depoimentos escritos de forma anônima e, inclusive, se quiser, pode compartilhar uma história que se orgulha e pode motivar outres.

3. QUERO FALAR:

Profissionais estarão prontos para oferecer uma escuta acolhedora (gratuita e segura) para quem estiver precisando de um apoio imediato.

Não é terapia e nem substitui tratamento médico, mas pode te ajudar em um momento difícil.

Legal, né?

Acesse:
www.podefalar.org.br
ou pelo WhatsApp em:
+ 55 61 9660-8843

TOPITY

Já pensou se existisse um jogo no qual o personagem principal é você e a missão é te tornar mais e mais forte a cada fase? Esse é o Topity, o nosso chatbot totalmente confidencial que te ajuda a melhorar sua autoestima e confiança corporal. Aqui, a cada nível que você avança, sai muito mais forte.

No Whatsapp nosso número é o 95 8420-9991. Manda um oi pra gente bater um papo! Caso você queira conduzir conversas sobre autoestima e confiança corporal na sua escola, bairro, etc., temos disponível o Topity +, um Guia para potencializar o uso do Topity com adolescentes e jovens.

Acesse:
https://www.unicef.org/brazil/media/19646/file/guia-para-potencializar-o-uso-do-topity--com-adolescentes-e-jovens.pdf

Inclusão Socioprodutiva

1 Milhão de Oportunidades (1MiO)

O que é a iniciativa 1 Milhão de Oportunidades (1MiO)?

A iniciativa Um Milhão de Oportunidades é a maior articulação pela juventude no Brasil reunindo as Nações Unidas, instituições internacionais,

o setor privado, o terceiro setor, governos e a sociedade civil. O objetivo é, nos próximos dois anos, gerar oportunidades de acesso à educação de qualidade, formação em competências digitais e para o mundo do trabalho, conectividade e um milhão de vagas de trabalho decente de aprendiz, estágio e emprego formal para adolescentes e jovens vulneráveis de 14 a 24 anos, impulsionando os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) das Nações Unidas por meio do protagonismo jovem.

Quer saber mais sobre as oportunidades oferecidas pelo 1MiO?

Acesse
https://1mio.com.br

Para avançar na participação, precisamos das EMOÇÕES

Como as nossas subjetividades atravessam nossas experiências e podem ser vividas como potências? No projeto “Ibura Empoderado”, centenas de adolescentes de escolas públicas do bairro do Ibura têm avançado na participação e cidadania a partir do fortalecimento de suas habilidades socioemocionais. A ONG Etapas atua com foco no empoderamento e na saúde mental, sempre a partir das demandas das/os/es adolescentes. Foi a partir de um diagnóstico que suas vozes apontaram as questões mais importantes que impactam seu cotidiano: o racismo e a violência baseada em gênero.

Para acolher e promover cuidados coletivos com a saúde mental de adolescentes, o projeto promove rodas terapêuticas nas escolas, além de processos formativos que dialogam com as vivências do dia a dia. A galera também constrói mensalmente campanhas e eventos, a exemplo do Junho da Diversidade, o Julho das Pretas e o Agosto das Juventudes. O "Ibura Empoderado" tem uma abordagem integral sobre saúde, também trabalhando com atividades físicas para compreender as histórias que os corpos guardam - e como esses corpos estão habitando esse território.

**A ONG Etapas é uma organização parceira do UNICEF, atuando no Ibura, em Recife-PE.*

Para avançar na participação, precisamos BRINCAR

Através do projeto “Empoderamento de Meninas”, o Cintercoop, junto com o UNICEF, defende a importância dos jogos para uma participação divertida – e nem por isso menos efetiva! Através de uma metodologia gamificada, jovens estão engajadas na proteção, defesa e promoção de direitos de adolescentes. O jogo é virtual, contextualizado nas questões da realidade local, e convida as participantes a se engajarem em missões temáticas – articuladas através do WhatsApp – realizando “missões” (individualmente ou em grupos). O processo formativo acontece de maneira virtual, incluindo reuniões e debates por meio de plataformas eletrônicas, em atividades que envolvem as mídias e redes sociais.

4 EM
CADA 10
MULHERES
#TAMOJUNTAS

Belém

Essa mobilização também promove a reflexão e construção de conceitos e propostas de ações virtuais, sempre voltadas para o fortalecimento de políticas públicas dedicadas aos direitos de meninas e adolescentes.

**O Cintercoop (Centro Internacional de Cooperação Para o Desenvolvimento) é uma organização parceira do UNICEF, atuando com o game de empoderamento de meninas em diversas cidades do Brasil. Manaus, Belém, Rio de Janeiro, São Paulo, Rio de Janeiro, entre outras.*

Para avançar na participação, precisamos de ARTE

Para desenhar o projeto “Artivistas em construção”, o grupo Pombas Urbanas e o UNICEF pensaram em estratégias para cativar adolescentes e jovens de forma criativa e ousada – nada de entrar numa sala e ficar sentade ouvindo palestrinha ;) Para pensar intervenções artísticas a fim de sensibilizar a sociedade e problematizar questões sociais no território, adolescentes e jovens estão participando de formações em artivismo. Assim, diversas linguagens são utilizadas para reivindicar pautas importantes para as juventudes do território.

A galera se divide em turmas de interesse nas áreas de cultura digital, artes visuais, e artes urbanas. E cada turma recebe várias oficinas, experimentando expressões artísticas diversas, como slam, performance, lambe-lambe, stickers, fotojornalismo, vídeo-guerrilha, e produção musical.

unicef

SÃO PAULO
#AGENDA
CIDADE
UNICEF
Para cada Criança
e Adolescente

unicef

Todas fazem muito sucesso, a exemplo da metralhadora poética – uma "arma" produzida artesanalmente que dispara poemas em projeções nas paredes! O projeto compreende a arte como uma ferramenta para mobilizar, sensibilizar, e instigar questionamentos – afinal, a expressão através da arte também é um caminho de participação política.

**O Grupo Pombas Urbanas é uma organização parceira do UNICEF, atuando na Cidade Tiradentes, em São Paulo-SP.*

Para avançar na participação, precisamos de IDEIAS

Pensar juntes – e juntes elaborar caminhos de enfrentamento à problemas sociais: o “Chama na solução” é uma iniciativa que promove jornadas de construção colaborativas de propostas feitas por e para adolescentes e jovens. O CEDAPS e o UNICEF fortalecem a criação de estratégias e instrumentos de intervenção para amplificar as vozes dos adolescentes e jovens nos territórios da Maré e regiões e Pavuna e adjacências.

A metodologia “Construção Compartilhada de Soluções Locais”, desenvolvida e implementada pelo CEDAPS, serviu como guia para a última edição, onde os grupos foram instigados a pensar em ações que viabilizassem, reduzissem ou combatessem as situações de violências presentes nos territórios.

ZONA OSSA
ESSE PROJETO
FAZ PARTE DA:
RIO DE JANEIRO
#AGENDA
CIDADE
UNICEF
INICIATIVA:
unicef
unicef
asseptgel

VOCÊ SABE O QUE É VIOLÊNCIA?
VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA?
VIOLÊNCIA FÍSICA
Luta pela sua vez!

unicef

E foi através de uma jornada formativa e compartilhada, extremamente rica em expressões e desejos de mudança, que adolescentes e jovens construíram propostas inovadoras e cheias de identidade, como a realização de uma pesquisa comunitária sobre percepção de violências, um podcast sobre violência doméstica e canais de denúncia, além de rodas de diálogo e uma batalha poética – slam – cujo tema foi o combate a violência verbal. Ideias nascidas e cultivadas coletivamente nos grupos que participaram do "Chama na Solução" em 2022!

**O CEDAPS (Centro de Promoção da Saúde) é uma organização parceira do UNICEF, atuando no Rio de Janeiro, na Pavuna.*

O UNICEF acredita que adolescentes e jovens são sujeitos de direitos, e que suas vozes produzem conhecimento e soluções para a construção de uma sociedade mais justa. A participação social empodera e amadurece reflexões. Por isso, convidamos um grupo de oito adolescentes e jovens, com diversidade de identidades e territórios – e selecionado a partir da sua atuação em defesa de direitos, na prática – para falar sobre os principais Objetivos de Desenvolvimento Sustentável relacionados à #AgendaCidadeUNICEF.

Os textos foram produzidos a partir de um laboratório virtual que teve como principal eixo a experiência de pertencimento a uma coletividade. Seguindo o princípio de autodeterminação, o próprio grupo escolheu a estratégia de

escrita em duplas, e cada dupla utilizou metodologias diferentes para produzir seu texto. O conteúdo não reflete necessariamente a opinião do UNICEF, pois aqui o principal é visibilizar algumas perspectivas e trajetórias de adolescentes e jovens que se dedicam a efetivação dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável.

No Brasil inteiro, jovens lideranças estão atuando, participando e construindo caminhos de resistência, justiça e autonomia.
O UNICEF recomenda que essas vozes sejam consultadas e participem diretamente de todos os processos de diálogo e decisões sobre suas vidas: nada sobre adolescentes e jovens deve ser feito ou dito sem eles e elas.

ODS. 3

Promoção de saúde mental e bem estar

pelo direito de vivenciar a vida para além das suas durezas

por

Francisco Sena & Raquel Guimarães

Saúde mental, de acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), tem a ver com um estado de bem-estar que nos possibilita seguir em movimento, mesmo com os desafios e conflitos que surgem em nossos caminhos, podendo assim realizar nossos projetos de vida e apoiar nossas comunidades. Saúde mental tem a

ver com harmonia entre nossos sentimentos, o reconhecimento dos nossos limites e o respeito e admiração por quem somos.

E mais: mesmo questões consideradas mais individuais, como a história de vida de cada pessoa, estão também diretamente conectados aos acessos que temos (ou não) - educação, cultura, renda, segurança, alimentação, direito à cidade, dentre outros direitos fundamentais. Ou seja, para compreender saúde mental, é preciso ultrapassar uma antiga noção de que essa é uma questão de responsabilidade puramente individual.

Além das especificidades de cada contexto, a pandemia da Covid-19 ampliou as discussões sobre a saúde mental de adolescentes e jovens. Questões como distanciamento social, aumento das desigualdades, do uso

de telas e aparelhos eletrônicos, mudanças significativas na rotina e um cenário de incertezas, causaram muitos impactos.

É preciso pensar as responsabilidades do Estado, a necessidade do fortalecimento de políticas públicas de bem-estar e saúde, a promoção de saúde mental como estratégia de atenção psicossocial na comunidade escolar, e a ampliação dos equipamentos públicos de Saúde e Assistência Social, sobretudo em um país com os índices de desigualdades sociais e de acesso como o Brasil.

Além disso, é preciso destacar a importância de nossas redes de afetos e as ações de autocuidado para a ampliação de habilidades emocionais de adolescentes e jovens. Para que possamos existir enquanto sujeitos potentes, saudáveis e com possibi-

lidades de lidar com desafios é necessário construir um mundo no qual estejamos seguros, vivendo de forma integral, digna e livre. Afinal, não é possível falar sobre saúde mental silenciando dores e produzindo apagamentos sobre opressões e violações de direitos essenciais.

Compreendendo tudo isso, resgatamos o ODS 3 para afirmar a necessidade de garantir o desenvolvimento da autonomia, o reconhecimento das identidades, e a proteção das vidas de adolescentes e jovens. Mas é preciso também reconstruir as narrativas sobre o futuro que queremos. Ter a esperança como um verbo que nos impulsiona a sonhar com outros contextos: sem fome e livre de violências, com saúde mental de qualidade e com acesso legítimo às oportunidades que merecemos e são nossos direitos.

conhecendo
Francisco Sena
&
Raquel Santos

Francisco Sena tem 29 anos, é sertanejo e transativista pelos Direitos Humanos de pessoas LGBTQIA+, com ênfase em direitos de pessoas trans. Integra o Coletivo De Transs pra Frente e a Associação Baiana de Travestis, Transexuais e Transgêneros em Ação (Atração) e está como Agente comunitário de inclusão social e ativismo, enquanto UNV, da Campanha Livres & Iguais - ACNUDH da ONU no Brasil.

FUI O PRIMEIRO DA FAMÍLIA A FAZER UNIVERSIDADE, MUITO POR CAUSA DO APOIO DA CASA DOS ESTUDANTES DE IPIRÁ, EM SALVADOR.

QUANDO EU AINDA MORAVA EM IPIRÁ, CONHECI A CASA ATRAVÉS DA SEMANA DE CULTURA QUE ELES PROMOVIAM ANUALMENTE.

QUANDO EU PASSEI A MORAR NA CASA, ENTENDI A LUTA QUE ERA NECESSÁRIA PARA MANTER AQUILO DE PÉ, MUITAS VEZES CONTRA O PRÓPRIO GOVERNO.

ALÉM DE QUESTÕES INTERNAS, COMO A LGBTFOBIA AINDA EXISTENTE NA ÉPOCA QUE EU COMECEI A MINHA TRANSIÇÃO DE GÊNERO.

HOJE MINHA IRMÃ CONSEGUE FAZER UNIVERSIDADE POR CAUSA DA CASA E EU CONTINUO APOIANDO A GESTÃO DO ESPAÇO PARA DAR CONTINUIDADE A ESSA HISTÓRIA.

Raquel Santos tem 26 anos e é de São Gonçalo, Rio de Janeiro. Jovem negra, psicóloga e mãe de um menino com sobrenome de alegria. Atua na área da saúde mental da população negra e na mobilização e engajamento de jovens para ações entre pares. Tem como referência as intelectuais negras Conceição Evaristo e Bell Hooks e acredita na fala como uma estratégia de luta e transformação social.

É ISSO, GENTE. NO QUE PRECISAREM, É SÓ MANDAR UMA MENSAGEM.
OFICINA: RAÇA, CLASSE E GÊNERO NA CONSTRUÇ DO FUTURO
RAQUEL, ANTES DE EU IR, POSSO TE DIZER UMA COISA?
CLARO!
EU FICO EMOCIONADA DE TE VER AÍ, DANDO AS OFICINAS, TRABALHANDO NO UNICEF...
COM TEU CABELO, TUA COR... EU FICO SENTINDO QUE TAMBÉM POSSO CHEGAR NESSE LUGAR!
FOI AÍ QUE EU ENTENDI A IMPORTÂNCIA DE OCUPAR ESSE LUGAR E A POSSIBILIDADE DE AJUDAR OUTRAS MENINAS PRETAS A SE SENTIREM PERTENCENTES. COMO DIZ CONCEIÇÃO EVARISTO...
O IMPORTANTE NÃO É VOCÊ SER A PRIMEIRA, O IMPORTANTE É VOCÊ ABRIR CAMINHOS.

O que despertou vocês para a importância de participar de espaços e ações em defesa de direitos?

Francisco: Inicialmente foi um movimento pelos direitos fundamentais da minha comunidade e família. Partiu de um lugar de necessidade mesmo, de sobrevivência aos processos históricos de empobrecimento. Aos poucos fui compreendendo a importância de articular e aprender com outras redes, e esse era um movimento não só pela "sobrevivência" mas também pelo direito de construir coletivamente uma vida mais potente, com outras possibilidades.

Raquel: A necessidade de garantir que pessoas como eu, que vem de territórios muitas vezes olhados como marginalizados e vulnerabilizados, poderíamos estar pautando – a partir das nossas narrativas – quais são os

desafios, as potencialidades, e construir junto com pessoas de referência as soluções para a nossa realidade.

E a vida mudou depois disso?

Francisco: Com certeza! Para mim, que venho do Sertão da Bahia, de uma família que veio da zona rural e de um cenário de muita pobreza, os horizontes pareciam muito restritos. Muitas vezes inacessíveis, distantes de nossas possibilidades. O movimento de me tornar um sujeito coletivo de luta não mudou radicalmente nossas questões estruturais de acesso, mas me deu elementos para compreender alguns desses processos – e provocar incômodos que geraram movimento e desejo por mudanças. Desnaturalizar a ideia de "impossibilidade" que atravessa a vida de muitos de nós. No coletivo, me percebo parte de um movimento por justiça e equidade.

É também uma forma de recusar os processos que muitas vezes nos adoecem e tentam nos empurrar para um lugar de desimportância e assujeitamento.

Raquel: Perceber a importância que o meu movimento poderia ter para impactar pessoas como eu me fez entender que o silêncio (por mais que às vezes ele seja uma estratégia importante) não deveria ser a única maneira da gente se posicionar. Muitas vezes a gente espera que as coisas aconteçam, sem entender que a nossa voz pode ser o agente que vai desencadear aquela mudança! A fala é um instrumento de luta e as pessoas que estão à minha volta, a partir do meu movimento, conseguem entender que é importante que elas se posicionem, e que a gente pode construir uma rede que apoia as vozes uns dos outros.

O que vocês diriam para outras/os adolescentes e jovens sobre a importância da participação social e do engajamento?

Francisco: Espaços coletivos podem ser muito fortalecedores e promotores de expansão! São complexos também. Nos convidam a um exercício de escuta, de troca e reflexão. Para mim, o engajamento e a participação social em espaços de ativismo foram formas de acolhimento, cuidado. E de direcionar, de forma coletiva, questões e desejos que não eram só meus. Acho que essa organização pode nos proporcionar encontros, amadurecimento e estratégias para dar seguimento às inquietações e nossos desejos por transformação e justiça social.

Raquel: Nós somos os ancestrais do futuro, responsáveis pela vida e pelas condições que a próxima geração de crianças, de adolescentes e jovens,

vai vivenciar. É importante que a gente lembre que tudo que nós temos hoje, só conseguimos porque antes houveram pessoas que construíram o caminho para que a gente pudesse passar. E essa é uma responsabilidade que a gente também tem que assumir. Nós somos uma juventude inventiva, criativa: a gente cria vida das maneiras mais simples e mais genuínas possíveis. Somos muito mais potência do que dores, e somos muito mais movimento do que silenciamento.

ODS. 4

Educação de qualidade

educação anti-racista ON violência e discriminação OFF

por

Débora Paixão & Matheus Valois

A educação está presente em diversos momentos da vida do ser humano: na infância, adolescência, juventude e na vida adulta. Quando pensamos na necessidade de aprender, se informar e se conscientizar, estamos nos

referindo a importância do processo formativo. Na maioria das vezes, é dentro do espaço formal do ambiente escolar que o ser humano vivencia seus primeiros contatos de interação social e civilização com diversos pares, sejam iguais ou diferentes. E isso tem uma relevância muito grande, pois faz parte de sua rotina, que é a organização do tempo com atividades que promovam o seu desenvolvimento cognitivo e social e o convívio com as diversidades de pessoas aguça o entendimento e interesse desde cedo sobre o respeito aos diferentes de nós.

Entretanto, o que deveria ser um ambiente saudável e seguro, muitas vezes termina sendo um espaço perpassado pelas primeiras violências que as crianças vivenciam que os/as traumatizam e deixam marcas profundas em suas trajetórias. Uma dessas violências estruturais que acontece no

ambiente escolar é o racismo, seja por parte de funcionários, professores ou pelos próprios estudantes, estimulados por comportamentos de adultos.

Ainda é muito comum a banalização dessas violências e a falta de ações eficazes para diminuir ou cessar esses atos. Ao analisarmos a Base Nacional Comum Curricular - o documento normativo para as redes de ensino e instituições públicas e privadas, que referência o currículo escolar e propostas pedagógicas para a educação infantil, ensino fundamental e ensino médio - percebemos que as orientações e condições que estão postas não fazem parte da realidade do ensino das escolas no nosso país.

Possuímos as Leis n° 10.639/2003 e n° 11.645/2008, que tornam obrigatório o ensino da história e cultura indígena e afro-brasileira na educação

básica, mas só é perceptível a execução das mesmas nos dias 19 de Abril, Dia dos Povos Originários, e 20 de Novembro, dia da Consciência Negra - o que não é suficiente para garantir uma educação livre de violências para pessoas negras, indígenas e de outras identidades e etnias que vivenciam situações de excludência.

Corriqueiramente escuta-se por parte dos mais diversos gestores que a educação é uma prioridade, no entanto isso ainda não se reflete no orçamento do poder público. Isso é reflexo, também, de uma sociedade que não se mobiliza de maneira contundente em torno do tema. É necessário priorizar o orçamento para educação, sua fiscalização e execução, garantindo que as instituições de ensino estejam realizando o que está definido por lei. Além disso, é preciso que trabalhemos de maneira contínua para garantir

que a educação seja um instrumento de transformação social, entendendo que os resultados desse investimento não são retornados imediatamente, mas são capazes de promover uma mudança estrutural a longo prazo. Por isso, precisamos garantir um espaço seguro e inclusivo para todas as crianças, adolescentes e jovens que fazem uso desses equipamentos.

É necessário que todos os espaços formativos sejam credibilizados (sejam eles de educação formal, não formal ou informal) e investidos, pois muitas das vezes é fora do espaço escolar formal que aprendemos de maneira eficaz a sermos cidadãos anti-racistas: seja através de rodas de diálogo, oficinas formativas, ações sociais e entre outros espaços que tem feito a diferença em nossa sociedade, na construção de seres autônomos e agentes de mudanças.

No entanto, não há de se entender as crianças, adolescentes e jovens apenas como seres receptores da educação, mas como agentes dessa educação transformadora. Esses “xóvens” que agora vos escrevem, são frutos de formações libertárias, livres de violências e discriminações.

Vamos engajar juntas/os/es nessa onda revolucionária?

conhecendo
Débora Paixão
&
Matheus Valois

Débora Paixão tem 24 anos de idade e é moradora da Favela do Jacaré, em Paulista (PE). Mulher preta, além de pedagoga de formação, educadora social, líder jovem comunitária e gestora de projetos, Débora é Vice-Presidente e gestora executiva da iniciativa Fruto de Favela, que atua nas favelas e periferias da cidade do Paulista; coordenadora geral da Articulação de Juventudes pelo Clima e Território, e milita na iniciativa feminista Coletivas.

DEPOIS DE TODO ESSE EXEMPLO DA NOSSA MÃE, FOI NATURAL PRA MIM E PRA MEU IRMÃO FUNDARMOS O FRUTO DE FAVELA, QUE BUSCAVA GERAR OPORTUNIDADES E QUALIFICAÇÃO PRA JOVENS DE MARANGUAPE I, EM PAULISTA, PERNAMBUCO.

Matheus Valois tem 23 anos, é maranhense e estudante de Relações Internacionais. Matheus atua com projetos e é consultor de Relações Internacionais e Juventudes, sendo um dos Representantes da Organização Mundial do Movimento Escoteiro e membro do Observatório de Saúde e Direitos da Juventude (OJUN), junto ao UNFPA (Fundo de População das Nações Unidas).

EU ENTREI NO ESCOTISMO MAIS PRA ACOMPANHAR MEU IRMÃO, MAS TOMEI GOSTO E SEGUI POR MUITO MAIS TEMPO QUE ELE.

EMBORA NÃO TRATE DE PAUTAS MAIS ESPECÍFICAS, AS DISCUSSÕES E DECISÕES COLEGIADAS...

... O TRABALHO PELO COLETIVO, A RELAÇÃO COM O PLANETA E A CONSTRUÇÃO DE UM MUNDO MELHOR...

O que despertou vocês para a importância de participar de espaços e ações em defesa de direitos?

Débora: Foi a partir da minha vivência dentro de casa, ao observar minha mãe mobilizando a comunidade em prol de melhorias. Me vi na necessidade de fazer parte dessa construção devido a inquietação de vivermos em condições insalubres, ansiando por efetivação de direitos.

Matheus: Certa vez, uma amiga minha passou por uma situação de violência religiosa e acabou se afastando de um grupo em que estávamos juntos. Aquilo me revoltou profundamente e eu fui atrás de descobrir o que poderia fazer para mudar essa situação. Com isso, comecei a entender que eu poderia mudar as situações ao meu redor e comecei a lutar por uma sociedade mais justa.

E a vida mudou depois disso?

Débora: Minha vida mudou totalmente a partir do momento que eu comecei a atuar na busca de garantir os direitos humanos para a minha vida, minha comunidade e a sociedade. Passei a cada dia me olhar cada vez mais como um ser coletivo, que precisa do outro para construir e somar, como também, a colocar minhas habilidades como ferramentas para mudanças sociais. Hoje consigo me enxergar sendo uma jovem mulher negra potente, oriunda da favela. Eu sou necessária para a sociedade, e a partir das transformações e da nova narrativa que venho construindo sobre minha trajetória, estou rompendo com barreiras, estereótipos, e caminhando contra um caminho único que é imposto para nós.

Matheus: Sim, depois disso eu comecei a me engajar dentro dos movimentos sociais e batalhar pelas causas que eu acredito. Também nesse mesmo momento eu vi pessoas jovens do meu estado que tinham posições de liderança nessas organizações. Esses pequenos detalhes me fizeram perceber que também era capaz de ser uma liderança e realizar mudanças na minha comunidade. Com a devida orientação e apoio de pessoas mais velhas, fui começando a me desenvolver e advogando por cada vez mais pessoas.

O que vocês diriam para outras/os adolescentes e jovens sobre a importância da participação social e do engajamento?

Débora: Eu tenho certeza que tem alguma problemática que te incomoda no seu bairro, na sua escola, universidade, no país e entre outros espaços

e/ou equipamentos que você perpassa diariamente - e isso é uma dor que te causa diversas necessidades. Então, meus xovens, acredito que vocês devem saber a quem compete solucionar tais questões, e você deve cobrar para que se tenha solução. Mas não fique parado esperando a mudança acontecer: seja parte da chave que vai mudar essa realidade. Todos adolescentes e jovens possuem habilidades que são importantíssimas para mudar a realidade e gerar uma transformação eficaz.

Matheus: Eu tenho certeza que vocês já devem ter se deparado com alguma injustiça. Saibam que não precisa ser assim, que nós podemos mudar isso que está posto - nós não precisamos aceitar o "não" como resposta. Eu sempre achei que não servia para ser ativista, que isso não era para mim, mas a verdade é que todos

temos algo para falar. Se você tiver medo, vá com medo mesmo. Nós somos os protagonistas das nossas histórias.

ODS. 8

Inclusão produtiva e Transição entre escola e trabalho

Trampo decente: desafios dentro e fora da cidade

por

Anderson Teles & Victor Delamerlini

A atenção ao ODS8 sobre Trabalho Decente e Crescimento Econômico é de extrema importância para as juventudes que anseiam por mudanças na realidade atual. Nós sofremos para nos inserir no mundo do trabalho - seja por falta de oportunidades de capacitação

e trabalho decente, ou pela inserção no trabalho informal sem garantia de direitos. Nas zonas rurais, o jovem sem perspectivas de crescimento olha para as grandes metrópoles como uma saída. Isso gera um deslocamento forçado, criando problemas de desenvolvimento local, e colocando em risco a sucessão da agricultura familiar - a maior responsável pelo abastecimento do mercado nacional.

Nas grandes cidades, por sua vez, o jovem encontra muitas dificuldades para se estabelecer, enfrentando a dura realidade da periferia, sem acessos, e trabalhando de maneira precária, com atividades que não garantem a sua integridade física e mental.

A transição da escola para o mundo do trabalho vem ocorrendo muitas vezes de forma violenta, pois o jovem se vê obrigado a abandonar a escola para

trabalhar antes de completar o seu processo educacional. E nem sempre de forma digna - é o que o estudo da Plataforma Juventude, Educação e Trabalho demonstra, ao levantar que 39,1% do abandono escolar por jovens de 14 a 29 anos é pela necessidade de trabalhar.

Educação e trabalho andam lado a lado, por isso garantir as duas é necessário para o desenvolvimento pleno da juventude. É preciso garantir acesso aos recursos necessários para que adolescentes e jovens possam estudar – e ao mesmo tempo se capacitar e trabalhar – e que essas oportunidades estejam coerentes com sua realidade e seu território.

Na cidade, a precariedade da mobilidade urbana torna-se outro fator de exclusão da juventude. Melhorar e garantir o acesso dos jovens aos seus

direitos, seja pela melhoria do transporte, com investimento em estruturas, acessos, oportunidades e as ferramentas necessárias para o crescimento de adolescentes e jovens, é fundamental para o desenvolvimento econômico.

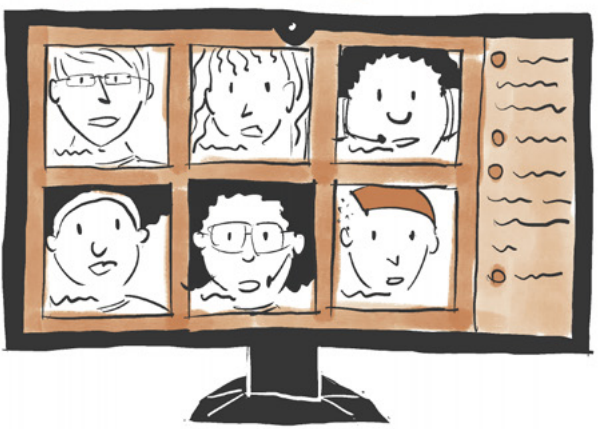
Uma política pública fundamental é o Programa Jovem Aprendiz, que insere o jovem de forma a garantir os seus estudos, inclusive sendo este um pré-requisito para o Programa. Esse é um importante mecanismo para a redução da evasão escolar e para garantir renda e capacitação. É necessário criar cursos de capacitação profissional, parcerias com o setor privado, monitorar a evasão dentro de cada escola, e oferecer a cada jovem a oportunidade de se inserir ao mundo de trabalho de forma digna, com todos os seus direitos garantidos.

Cada jovem deve ter o direito de encontrar seu sustento no seu território, na sua comunidade, sem a necessidade de se mudar ou se deslocar. Por isso, garantir políticas públicas para a juventude – esteja ela nos grandes centros ou não - é essencial para o desenvolvimento da nossa geração e do nosso país. Essa juventude tem voz e quer ter oportunidades, pois está sedenta por mudanças, soluções de jovem para jovem. É preciso buscar soluções criativas, usando a ciência aliada ao desenvolvimento sustentável, e o incentivo governamental é fundamental para que isso ocorra.

conhecendo
Anderson Teles
&
Victor Delamerlini
Rodrigues

Victor Delamerlini Rodrigues tem 17 anos, e é jovem estudante do Ensino Médio Público Federal, ativista pelo trabalho digno e pelos direitos da juventude, e integrante da iniciativa 1 Milhão de Oportunidades (1Mio).

PODE PARECER CLICHÊ, MAS FOI NA AULA DE GEOGRAFIA QUE EU DESPERTEI PRO VALOR DA COLETIVIDADE EM DETRIMENTO DO INDIVIDUALISMO.



ALGUM TEMPO DEPOIS EU JÁ ME ENGAJAVA JUNTO COM DEZENAS DE OUTROS JOVENS NO PROJETO FAVELA HACKER. A IDEIA ERA ENCONTRAR SOLUÇÕES PRA LEVAR CONECTIVIDADE E INFORMAÇÕES PRA CRIANÇAS E JOVENS DA FAVELA DO ACARI DURANTE A PANDEMIA.

Anderson Teles tem 30 anos e é Indígena do povo Arapaço, comunicador, mobilizador social da MAKIRA-ETA e também atua como fotógrafo e editor de vídeos na cidade de Manaus-AM.

QUANDO CRIANÇA, EU NÃO ENTENDIA MUITO BEM AS PALESTRAS E REUNIÕES ORGANIZADAS PELA MINHA MÃE.

DEPOIS ENTENDI: FAZIA PARTE DA LUTA DOS INDÍGENAS POR TERRITÓRIO E POR MANTER SUA HISTÓRIA VIVA.

LOGO FIZ UMA FORMAÇÃO EM COMUNICAÇÃO NA COIAB – COORDENAÇÃO DAS ORGANIZAÇÕES INDÍGENAS DA AMAZÔNIA BRASILEIRA.

FIQUEI RESPONSÁVEL PELA EDIÇÃO DE VÍDEO, DESIGN, ARTICULAÇÃO E COMUNICAÇÃO DA MAKIRA-ÊTA – REDE DE MULHERES INDÍGENAS DO AMAZONAS.

HOJE FAÇO MOBILIZAÇÃO E FORMAÇÃO COM JOVENS COMUNICADORES E FUTURAS LIDERANÇAS INDÍGENAS.

E ASSIM A LUTA VAI PASSANDO DE GERAÇÃO A GERAÇÃO, COMO UM MODO DIGNO E NECESSÁRIO DE CAMINHAR NO MUNDO.

O que despertou vocês para a importância de participar de espaços e ações em defesa de direitos?

Victor: Inicialmente foi um professor de geografia que falava muito sobre as relações sociais, o coletivo. Ele me inspirou muito. Depois comecei de fato a ocupar espaços - durante a pandemia eu vi as inscrições abertas do #TamojuntoUNICEF. Na época eu tinha 15 anos, e isso fez com que eu me inserisse no debate e pensasse ainda mais sobre as relações no coletivo, e isso se tornou uma causa muito importante para mim. Eu vi como era importante defender esses direitos - que são nossos!

Anderson: Sou filho de uma mulher liderança indígena, desde criança acompanho as palestras e encontros. Com o tempo fui entendendo as coisas e criando uma vontade interna de

contribuir de alguma forma para com a luta pelos direitos.

E a vida mudou depois disso?

Victor: Mudou muito, até mesmo na minha percepção de mundo e de mim mesmo. Às vezes eu não me vejo mais como um indivíduo só, as decisões que eu tomo é decisão de um coletivo, de uma força maior. Não sei se consigo explicar (rs). Mas é uma tomada de decisão coletiva: existem outras pessoas no mundo com necessidades e que muitas vezes não tem direitos garantidos. E eu vejo a necessidade de juntar essa força coletiva: juntos somos mais fortes. A minha vida mudou para melhor: atuando nessas causas e vendo os resultados que essa luta coletiva gera.

Anderson: Mudou bastante, conheci muita gente e fiz várias conexões com pessoas maravilhosas que tem essa chama interna para mudar as coisas de forma positiva. Muitas vezes tive que me reinventar, porque cada interação é um aprendizado.

O que vocês diriam para outros/as adolescentes e jovens sobre a importância da participação social e do engajamento?

Victor: Eu diria que ocupar espaços em defesa de direitos é algo incrível porque você expande seus horizontes, você se entende como uma pessoa, como indivíduo, e como coletivo. Participar de projetos sociais é transformador porque você transforma não apenas o seu pessoal: vocês lutam juntos, e conseguem acreditar que é possível transformar a realidade em que a gente vive.

Anderson: Lutar por algo que vai além do individual preenche aquele vazio existencial. Saber que viemos ao mundo para servir e melhorar a vida dos outros é algo que sempre me deixa esperançoso. Acredito que a humanidade tem a capacidade de ser próspera, de forma sustentável e respeitando outras formas de vida.

ODS. 16

Prevenção de violências

Segurança para qual público?

por

Bianka Melo & Nath Pompom

“Todo ser humano tem direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal”. É necessário garantir uma transformação e combater a violência para promover uma cultura de paz. Mas até que ponto entendemos o que é uma cultura de paz? E o quanto as pessoas que vivem em nossas comunidades entendem também?

É bonito dizer que tal instituição dialoga sobre violências e até mesmo promove atividades voltadas para o combate, mas se faz necessário ir além das paredes das instituições e pisar no chão das comunidades, para não somente escutar o que aquelas pessoas estão falando, mas sim poder proporcionar espaços no qual essas pessoas possam ter vez e voz, fazendo assim com que se haja uma compressão de que a cultura de paz é baseada em valores como tolerância e a solidariedade e tem o diálogo, a negociação e mediação como pilares para solucionar problemas.

Dando uma olhada na raiz do problema, podemos recordar a luta para garantir os direitos de crianças e adolescentes - sempre foi algo complicado, perpassado pelo código de menores, pelas “febems” - e só com a luta popular, em 1998, foi estabe-

lecido o ECA - Estatuto da Criança e Adolescente e inaugurada a proteção integral no Brasil. Mesmo assim, houve muita dificuldade em ser integrado ao cotidiano brasileiro. Pensar sobre instituições eficazes, no contexto do atual, é entender que as instituições do terceiro setor fazem hoje um papel muito importante na vida de crianças e adolescentes, mas que primordialmente deve ser feito pelo Estado - que é quem deve garantir políticas públicas de qualidade. Eis um questionamento que vez ou outra nós fazemos: “a segurança é para qual público?”.

– "MARIA EDUARDA, 13 ANOS, MORTA POR BALA PERDIDA EM ACARI, ENQUANTO PARTICIPAVA DE UMA AULA DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA".

Nascemos de uma estrutura desigual, onde a cada 23 minutos um jovem negro é assassinado no Brasil.
E como explicar para esse mesmo jovem da favela que a polícia é treinada para protegê-lo, se somos criados para ter medo da mesma?

É urgente que o Estado e as repartições públicas parem de ter um olhar de julgamento para o jovem periférico e o olhe da mesma forma que veem um jovem de classe média alta, que tem direito de estudar, ir e vir com segurança, se divertir, ter uma roupa bonita, ou até mesmo um celular de qualidade sem ser parado pela polícia como suspeito de procedência indevida.

Temos que grifar sempre que o combate às violências não é realizado por armas. A falta de informação mata jovens todos os dias. Saber seus direitos como cidadão é primordial e a

falta deles muitas vezes faz os meninos trocarem o livro pelo radinho. Entre essa guerra de facções, poder e drogas, nossa guerra persiste para que o saneamento, a educação, cultura, lazer e alimentação, chegue da mesma forma para os garotos do morro, como para os garotos do condomínio.

A empregabilidade faz muita diferença para adolescentes que por muitas vezes são arrimo de família. Paz também é acordar com a certeza que vai ter um prato de comida na mesa sem ter que vender bala no trânsito, ou nas piores hipóteses, roubar para se alimentar.

Paz é não precisar escolher entre um direito ou outro, mas ter assegurado todos eles.

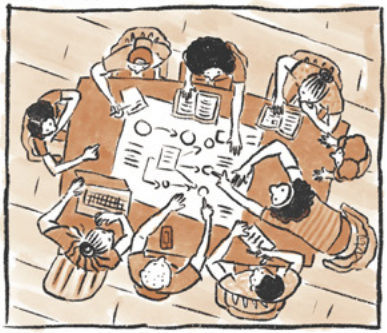
conhecendo
Bianka Melo
&
Nath PomPom

Bianka Melo tem 22 anos. É preta, acadêmica de Ciências Sociais da Universidade Federal do Maranhão, mobilizadora social, coordenadora de Projeto Social, e integrante do Coletivo Menina Cidadã e da Pastoral da Juventude da Arquidiocese de São Luís-MA.

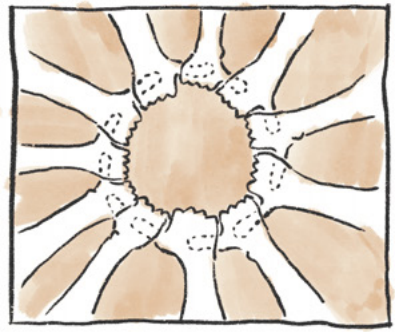
APÓS UM MOMENTO DIFÍCIL NO PAÍS, EU PROPUS UM ENCONTRO DO JUPP – JOVENS UNIDOS PELA PAZ. COMEÇAMOS COM UM GRANDE ABRAÇO E ACOLHIMENTO MÚTUO.

DEPOIS TENTAMOS ENTENDER MELHOR O QUE ESTAVA ACONTECENDO...

... E TRAÇAMOS ESTRATÉGIAS PARA NOSSO FORTALECIMENTO E RESISTÊNCIA.



POR FIM, FIZEMOS UM CÍRCULO DE MÃOS, CADA UMA SEGURANDO O POLEGAR DO VIZINHO...



... MATERIALIZANDO UM LEMA MUITO PRESENTE NAQUELE MOMENTO.

Nathália Araújo é mais conhecida como Nath Pompom. Tem 19 anos, nascida e criada na comunidade de Acari Zona Norte do Rio de Janeiro, é mãe do Noah e filha de Dona Ester. Cristã, cantora e compositora, (ex) artista de rua, ativista, participou do projeto Chama na Solução, e atualmente é Agente Comunitária de Saúde em Acari.

EU CANTO NA IGREJA DESDE OS 2 ANOS DE IDADE. QUANDO TINHA 11, DEU TUDO ERRADO COM O EQUIPAMENTO E EU RESOLVI CANTAR A CAPELLA MESMO.

ATÉ O MOMENTO EM QUE DEU UM BRANCO.

DO NADA, A COMUNIDADE TODA COMEÇOU A CANTAR.

FIQUEI TÃO EMOCIONADA QUE NEM CONSEGUI ACOMPANHAR. ESSA FOI A PRIMEIRA VEZ QUE ME SENTI CLARAMENTE PARTE DE UMA COLETIVIDADE, O QUE CONTAGIOU TODOS OS MEUS ATIVISMOS QUE VIERAM DEPOIS.

O que despertou vocês para a importância de participar de espaços e ações em defesa de direitos?

Bianka: A admiração por pessoas que caminhavam comigo e que já estavam envolvidas nessas atividades, bem como a necessidade de defender algo que é garantido e ao mesmo tempo nos é negado. Participar desses espaços é reafirmar que eu e tantas outras e outros temos vez e voz – isso me motivou no início e me motiva até hoje.

Nath: Eu sempre fui uma criança muito empática, sempre amei ajudar as pessoas. Mas ver na minha realidade diária a desigualdade latente foi um dos maiores motivos para eu começar a estudar e entender os nossos direitos como cidadãos pretos, brasileiros e periféricos. Desde cedo eu já tinha percebido que as informações não

chegavam até nós, e quando chegavam, já era tarde.

E a vida mudou depois disso?

Bianka: Muito! Eu nem conseguia falar direito (kkkk), hoje se eu consigo dialogar em diversos espaços é muito por conta de todas as vezes que me permitiram ter voz. A minha família é muito mais aberta a diálogos e a temas que por muito tempo foram considerados tabus. Eu sou uma pessoa muito mais sensível, empática, forte e corajosa.

Nath: Com certeza! Eu sempre fui faladeira e desinibida - artista né kkkk -. Mas eu tomei pela primeira vez uma posição inédita: Me impor como uma pessoa merecedora de respeito igual aos demais. Foi a primeira coisa que eu fiz. E depois transbordar e espalhar esse empoderamento com minha arte,

minha vivência e tratamento mútuo. Foi libertador!

O que vocês diriam para outras/os adolescentes e jovens sobre a importância da participação social e do engajamento?

Bianka: É transformador! Todos e todas deveriam alguma vez na vida participar de algum movimento social, a nossa visão de mundo muda completamente. Falar, ouvir, caminhar, abraçar e ser abraçado, são coisas que deixam as lutas muito mais fáceis de serem vividas. Além disso ter com quem partilhar as lutas e as vitórias é muito importante. Se permitam viver experiências como essas!

Nath: SOMOS POTÊNCIA! Ainda que te falte recursos, estude, empodere-se, olhe para o futuro - e pense que nós somos a continuação de ancestrais,

onde MUITOS foram jovens sem voz. Mas até hoje ouvimos o brado dos mesmos.... Tenha acesso a outras realidades, reconheça seus privilégios e entenda que a busca pela equidade começa por você.

Construindo redes: contribuições especiais

Precisamos de todas/os para avançarmos na luta pela garantia de direitos – e participar é principalmente aprender a dialogar. Ouvir e trocar com atenção, tanto com quem está chegando agora como com quem já tem uma caminhada e pode partilhar experiências. Por isso, convidamos algumas pessoas com trajetórias de muita dedicação à defesa de direitos de adolescentes e jovens para contribuir a partir de seus diferentes lugares de fala com reflexões sobre dinâmicas de participação e incidência, formação política, e a potência criativa das juventudes periféricas. Dá uma olhada em quem cola conosco:

Pedagogia da participação: uma tarefa intergeracional

*Por **André Sobrinho**, Coordenador da Agenda Jovem da Fiocruz.*

Existe um relativo consenso no desejo de que a juventude participe mais da vida social e política. Há muitos investimentos de atores diversos nessa participação. Por quê? Porque aos jovens é atribuída a energia e a capacidade criativa de transformar os rumos construídos por gerações anteriores, definir o futuro de sua própria geração e influenciar as que virão depois.

Bem, é fato histórico que não há nenhum direito conquistado e usufruído que não tenha a participação de pessoas mobilizadas. Isso quer dizer que a participação atravessa os tempos e tem uma perenidade: ela é um "patrimônio", fruto de uma luta por mais direitos e, ao mesmo tempo, exerce uma força projetiva, ou seja, é um instrumento de mudança, na medida em que uma situação individual, social, cultural, econômica ou política indesejável no presente, só poderá ser modificada se houver participação dos membros de uma sociedade.

Onde a participação juvenil acontece? Na família, na escola, no território, na cidade, em movimentos sociais, nas diversas instituições da sociedade civil e de interação com governos, onde há o interesse da juventude em áreas temáticas de políticas públicas. Ela pode ser uma participação que valorize a escuta, algo comum em âmbito

familiar; pode ser ritualizada de maneira recorrente, como acontece nas eleições; sistemática e organizada em espaços institucionais com suas próprias regras de funcionamento. Pode também ser "livre" ou instantânea, a exemplo das campanhas de solidariedade ou ações de voluntariado. Em qualquer das configurações participativas, há sempre gente nova, do ponto de vista etário, chegando no "rolê", nos ambientes e lugares onde a participação acontece.

Em alguns formatos institucionalizados de participação, exige-se algum nível de rotina. Os jovens podem adequar-se a essas rotinas, mas também pode ocorrer de querer alterá-las, ou mesmo discordar dos processos institucionais. Entre adequar-se ao que já existe ou provocar alguma mudança no que está estabelecido, há uma potencialidade de conflito. É aí onde vemos, de fato, se há uma verdadeira

disposição das gerações adultas na convocação que fazem à participação da juventude. Ou seja, se estão atentos ao que os jovens apontam de mudanças, que pode alterar o próprio funcionamento institucional.

É, pois, na tensão entre a estabilidade da rotina e os riscos do dissenso que a juventude pode se afirmar como sujeito político.

Não à toa muitos lugares imaginados para serem participativos, construídos pelas atuais gerações adultas, já não atraem tanto o interesse da juventude por diversas razões (concentração de poder nas lideranças, burocratismo, linguagem inacessível, dentre outras). E, por isso, tem surgido formatos e lugares múltiplos por onde os jovens agem e vocalizam suas necessidades e demandas, numa interação entre as dinâmicas sociais e políticas amplas, a exemplo dos coletivos.

Na tensão entre a permanência e a mudança, algo acontece com maior ou menor reflexividade: é o próprio aprendizado da participação.

É QUE A PARTICIPAÇÃO NÃO É UM DADO NATURAL NEM INERENTE À JUVENTUDE, É UMA CONSTRUÇÃO.

Precisa ser aprendida, no sentido mais básico, como uma habilidade; e apreendida enquanto um valor, resultado de uma histórica mobilização em nosso país contra as hierarquias, as desigualdades e o autoritarismo.

Por isso, se consideramos a dinâmica permanente de chegada de jovens nos processos participativos, é importante que qualquer formato de ação coletiva, valorize uma pedagogia da participação. Essa pedagogia é uma tarefa primordial das instituições sociais na relação com os jovens. Além disso,

seja na inserção de espaços já existentes ou na criação de novos, alguns valores comuns são fundamentais de serem pronunciados. Quais seriam: a democracia como um bem coletivo intergeracional; o exercício do direito à participação sem discriminação de nenhum tipo; e a equidade, que permita tratar desigualmente os desiguais, de modo a favorecer algum nível de igualdade nos processos.

É comum ouvir certos discursos que atribuem à juventude a incapacidade de incidir porque não se interessam por política, ou que muitos só fazem ativismo nas mídias sociais. Quando escuto essas abordagens sobre a falta de interesse dos jovens, sempre recordo o que recupera a socióloga Marília Spósito[1]. Ela propõe que ao invés de

1 SPÓSITO, M.P. Ação coletiva, jovens e engajamento militante. In: CARRANO, P.C.; FÁVERO, Osmar. Narrativas juvenis e espaços públicos: olhares de pesquisa em educação, mídia e ciências sociais. Niterói; Editora da UFF, 2014, pp. 97-130.

mirar em um suposto desinteresse dos jovens pela política, é preciso inverter os termos da questão:

O QUE OCORRE COM A POLÍTICA QUE NÃO INTERESSA AOS JOVENS?

Compreender pelo que se luta, e as formas de fazê-lo, tem a ver com a experiência de cada geração. Assim, é inútil tentar enquadrar o que uma geração deve dizer e como diz, quando o sentido de sua ação já não encontra correspondência com uma maneira de dizer ou fazer de outras gerações. Então, é preciso criar pontes entre as diferentes formas geracionais de atuação, de maneira a valorizar os objetivos comuns e deixar fluir as diferenças, sem atribuir protagonismo ou antagonismo à uma ou outra.

Em suma, compreender que a democracia não é um dado natural, mas construída com muita vigilância, é um

desafio para a juventude. Reconhecer as diferentes maneiras com que as gerações manifestam suas questões e valorizar as outras formas associativas desenvolvidas pelas gerações mais jovens no momento contemporâneo, é um desafio para as gerações adultas.

Fica uma pergunta simples para quem acredita na importância dos ambientes participativos:

COMO FAVORECER O APRENDIZADO DA PARTICIPAÇÃO EM UM DIÁLOGO INTERGERACIONAL?

A cor da, Pedrinho! Adolescência, Formação e Ação Política

*Por **Viviana Santiago**, consultora de Diversidade & Inclusão e ativista pelos direitos de crianças e adolescentes.*

No Brasil de 2022 você pode ser alvo de ódio somente por mencionar a palavra feminismo. Nesse mesmo país, e nessa mesma época, discutir racismo é entendido como vitimismo. Nesse mesmo ano, presenciamos com pesar a desistência de apresentar candidaturas vinda da parte de mulheres que

foram fundamentais para pautar agendas feministas, antirracistas e antilgbtqiafóbicas. São fatos terrivelmente violentos, mas eu estou confiante e esperançosa – e daqui a pouco eu te conto o porquê.

As ações de interdição de diálogos, intolerância e discursos de ódio não são casos isolados: todas estas estão conectadas. Existe em curso um movimento reacionário que tenta retroceder em conquistas que garantiram o início da tardia integração de segmentos importantíssimos da sociedade ao projeto nacional, e o reconhecimento do status de cidadania a grupos que são mais do que invisibilizados: são sistematicamente exterminados.

Desde o início dos anos 2000, o Brasil vinha desenvolvendo um projeto de Estado que reiterava compromisso com população negra, que estabelecia o início de paridade entre direitos

civis de pessoas LGBTQIA+ e pessoas heterossexuais, e discutia seriamente a questão indígena, além de atuar de frente para o enfrentamento às violências de gênero e necessidade de ampliação do papel das mulheres na política. Esse era o projeto de sociedade. E foi contra esse projeto de sociedade que atuaram as forças reacionárias que se uniram ao conservadorismo para tentar fazer, em suas próprias palavras: gays voltarem pro armário, preto voltar pra senzala e mulher voltar para o tanque.

"A VERDADEIRA LUTA QUE TRAVAMOS HOJE NO CAMPO POLÍTICO É A LUTA ENTRE PROJETOS DE SOCIEDADE QUE DIALOGAM OU NÃO COM A ALTERIDADE E PROFUNDO RECONHECIMENTO DA HUMANIDADE DE TODAS AS PESSOAS"

E da importância do cuidado na relação com o planeta e faz parte dessa disputa a tentativa de afastamento da

população dos espaços de participação e de controle social. Para que tenhamos chance na construção de uma retomada de princípios de respeito a vida em sua diversidade é necessário ampliar debates, promover mudanças na composição de casas legislativas e acompanhar muito de perto as ações desenvolvidas pelo executivo: Precisamos de formação política e reconhecer adolescentes em toda a sua capacidade participação.

A formação política é aquela formação que possibilita que cada menina, menine e menino possa acessar conteúdos que lhes permitam compreender a importância da participação, o papel do Estado enquanto garantidor de direitos a partir das políticas públicas que se constituem no caminho de acesso da população a seus direitos e que sobretudo possam desenvolver análise da realidade que incorpore o impacto do racismo, machismo, capa-

citismo, lgbtqiafobia, dentre outros, à existência das pessoas na sociedade. Para ser capaz de apoiar a participação e incidência política de meninas, menines e meninos devem ter acesso a uma educação que promova uma leitura crítica e desde uma perspectiva decolonial da história, do passado e do presente. Que destaque a dimensão estrutural do racismo, do machismo e dessa maneira que potencialize a importância da coletividade e do reconhecimento do papel do Estado na propositura de soluções à contextos desafiadores. A educação política de adolescentes precisa ser antirracista, feminista, antilgbqiafóbica e anticapacitista e conseguir isso no Brasil de hoje é a maior urgência e maior desafio, mas por se tratar de adolescentes se por um lado percebemos o tamanho das barreiras, por outro já conseguimos avistar a construção da solução.

É NA RIQUEZA DE SUA PRESENÇA NO MUNDO QUE SE ENCONTRA O CAMINHO DE RESPOSTA PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA EDUCAÇÃO POLÍTICA PARA ADOLESCENTES

Entender sua capacidade de agrupamento, sua vocação para a contestação e seu engajamento em processos que lhes permitem deixar sua marca no mundo, nos ajuda a buscar construir e facilitar a construção de pontes entre política e adolescência. Privilegiar sua capacidade de comunicação para a tradução de todos os mecanismos e processos do sistema político e do processo legislativo para uma linguagem aderente e viva que se transforma ao mesmo tempo em convocatória e chegada nos dará um círculo virtuoso que se expandirá ininterruptamente;

Sim, em 2022 presenciamos tristes fatos na falta de acesso a direitos,

no aumento da fome, na perseguição política de mulheres, mas em cada canto desse Brasil eu também vejo surgir resistência: são meninas lutando contra as absurdas regras do uso de shortinhos, são coletivas lutando por dignidade menstrual, são meninos que juntos lutam contra o trabalho infantil. E é por isso que em 2022 se você me pergunta, eu respondo que continuo esperançosa, porque, como diria Gonzaguinha: “Eu ponho fé é na fé da moçada, que não foge da fera e enfrenta o leão”.

Nesse 2022, eu me percebo vivendo plenamente essa canção e ao pensar nessa dimensão de formação política eu digo que “eu vou à luta com essa juventude que não corre da raia a troco de nada”, nas lutas pela construção de um mundo melhor, e incidência por direitos “eu vou no bloco dessa mocidade que não tá na saudade e constrói a manhã desejada”, porque

formação política é isso, é o caminho se construindo na caminhada e a junção da intencionalidade com a reflexão e a ação. E se você não consegue se conectar com toda essa ação que se renova apesar de tantos desafios, A-cor-da Pedrinho....

Agora é com você(s)!

Depois de conhecer um pouco melhor sobre a proposta dos ***NUCA***s e da ***#AgendaCidadeUNICEF*** – e também de entrar em contato com perspectivas diversas de adolescentes e jovens ativistas sobre os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável e sobre a importância da participação cidadã – esse espaço aqui é para você olhar para si mesma/o, para a sua realidade, e se provocar:

O QUE CONECTA VOCÊ COM UM SENTIDO DE COMUNIDADE E DE PERTENCIMENTO?

Qual ODS você acha que deve ser prioridade na sua comunidade? E como esses temas aparecem no lugar em que você vive?

Quais as experiências de fortalecimento de adolescentes e jovens já estão rolando na sua comunidade, e quais você e suas/seus amigas/os desejam ver acontecer? O que é preciso para promovê-las?

Partilhe com jovens de todo o Brasil sobre o lugar que você vive e o que vocês estão fazendo por aí! O que você gostaria de mostrar – das ruas para as redes – que é a cara da sua comunidade? Compartilhe nas redes sociais e lembre de usar a hashtag #AgendadeCidadeUNICEF pra gente se manter em conexão ;)

unicef

#AGENDA CIDADE UNICEF

unicef
para cada criança